

COMÍCIO PRESIDENCIAL NA BEIRA

27/1/80 no. 485



APAGAR AS MARCAS DE

A história da cidade da Beira sintetiza em si mesma a essência do que foi o colonialismo português. Centro de racismo e da repressão mais violenta, a Beira mantém ainda algumas marcas desse tempo que, embora morto, é preciso não esquecer. Segunda cidade do nosso País, a capital da Província de Sofala pela dimensão da sua indústria e pela importância do seu porto, desempenha papel fundamental no desenvolvimento da economia nacional. Num comício realizado na cidade da Beira, o Presidente Samora Machel relembrou a história deste centro populacional e traçou importantes orientações para «uma ofensiva organizacional, ideológica, económica, cultural e social».

Transcrevemos, na íntegra, o referido discurso:

A nossa luta, a Luta Armada de Libertação Nacional, foi parte da luta para libertar a Humanidade. Foi uma luta para estabelecer a igualdade entre os homens, foi uma luta para liquidar a discriminação entre os homens; discriminação social, discriminação económica, discriminação cultural, discriminação racial e discriminação com base no

sexo. A nossa luta essencialmente foi para estabelecer a paz, o respeito, a dignidade, criar a personalidade em cada um de nós. Criar o amor entre os homens, o amor entre os povos de todos os continentes, o amor entre todos os homens — homens de todas as raças, de todas as cores. É isto que continuamos a defender.



UM TEMPO QUE MORREU

A nossa luta foi para estabelecer a solidariedade entre os homens, entre os povos, a solidariedade contra a exploração do homem pelo homem, contra a humilhação.

A experiência do Povo moçambicano é uma experiência comum do Rovuma ao Maputo. Tivemos de passar por Cabo Delgado, Niassa, Namputa, Zambézia, Tete, Sofala, Manica, Inhambane e Gaza para chegarmos ao Maputo. Assim criámos uma experiência comum.

A luta começou do Rovuma. No seu percurso, pelo caminho, foi-se consolidando, foi criando amor entre os homens, foi liquidando o racismo, o tribalismo, o regionalismo. Foi liquidando a intriga, o boato, a calúnia, a difamação. Foi liquidando o desprezo entre as pessoas, entre os grupos étnicos. Foi liquidando os valores decadentes da burguesia colonial.

Mas para liquidar esses valores teve que liquidar os seus agentes. Os seus agentes eram a tropa portuguesa. Os seus agentes eram os sipaios, os administradores, os capatazes do algodão. Os seus agentes eram os da PIDE, os da ANP, partido de Marcelo Caetano, as do Movimento Nacional Feminino. Os seus agentes eram os GEs e GEPs, os Comandos e os Flechas que vos abusavam. Os seus agentes eram os régulos.

Eles aí estão libertados.

A nossa luta, à medida que ia avançando, ia liquidando a mentalidade pequeno-burguesa, a ideologia do inimigo. Nas escolas, a característica do colonial/fascismo era a corrupção, a imoralidade; era o medo em vez de admiração, o medo em vez do respeito, o medo em vez da disciplina. As escolas do tempo colonial/fascista eram assim.

A nossa luta foi liquidando o chicote, a machila.



«Socialismo significa sociedade organizada: Combater a doença, respeitar a família educar os filhos, ter responsabilidade»

o chibalo, foi liquidando a palmatória. Esta foi a nossa luta.

O PROCESSO DE INFILTRAÇÃO

Desde o tempo do Governo de Transição, So-fala, e em particular a cidade da Beira, foram o centro de agentes renitentes, representantes fiéis, filhos espirituais do colonialismo.

Quando chegámos à Beira, logo após a assinatura do Acordo de Lusaka, fomos recebidos pelos afilhados dos administradores, pelas comadres do Movimento Nacional Feminino, pelos membros da ANP, pelos agentes da PIDE. Aqui na Beira foram eles que receberam a FRELIMO. Ofereceram carros, residências, organizaram festas e organizaram também a «boa moça» para os comandantes da FRELIMO.

Tudo isto para estarem a bem com a FRELIMO. Era preciso acomodar os comandantes, «coitados», que viveram no mato, enchendo-os de convites, de jantares, bons carros, alojando-os nos melhores hotéis, levando-os à esplanada.

Foi assim que tomaram a direcção e prepararam o terreno para conduzir o processo em Moçambique. Prepararam condições para conduzir a opção política do Governo da República Popular de Moçambique. A Beira era uma cidade racista, discriminatória, mas quando receberam os comandantes da FRELIMO todos se apresentaram como verdadeiros moçambicanos e combatentes consequentes contra o racismo. Eram os mentores do racismo quem ofereciam as filhas para conduzir os comandantes da FRELIMO, procurando mostrar assim até que ponto chegava o seu anti-racismo.

A «bela moça» de voz suave... como o zumbir da abelha no ouvido... a voz preparada para falar ao comandante que estava habituado a ouvir canhões, bombas de «napalm», bazucas e bombardeamentos. Uma voz bela que pergunta ao comandante o que gosta de beber, que música prefere

ouvir. E o comandante diz: **Toda a música.** Como não conhecia nenhuma música ele tinha que dizer que gostava de toda a música. E a menina tocou toda a música...

No dia seguinte quando a população diz: **aquele era da PIDE,** ele responde: **Não, você não conhece, eu é que conheço.** Então a população pergunta-se: **Tu não estavas aqui; eu conheço-o, ele matou o meu primo, torturou o meu marido, prendeu o meu irmão, violou a minha filha, sendo agente da PIDE.**

A Beira é isto. E se nós não conhecermos em profundidade todos os aspectos da Beira, havemos de disparar com os olhos fechados e atingir os nossos amigos.

Façamos uma breve análise.

No Governo de Transição começaram os Grupos Dinamizadores. O seu mérito é grande. Mas encontraram muitas dificuldades na Beira, especialmente por causa do racismo que se manifestava nos hotéis, nos machimbombos, nos restaurantes, nas pensões, nas praias, em toda a parte.

A população viu a sua iniciativa totalmente destruída. A sua resistência, a sua capacidade de se organizar como força, também foram destruídas. Havia ausência de consciência da situação, incapacidade de analisar os fenómenos da Beira e de encontrar a solução correcta. Então surgiram manifestações de populismo, esquerdismo, liberalismo, indisciplina. Isto significava para eles liberdade, que se manifestava pela violência de linguagem, desorganização, falta de pontualidade, falta de programação, falta de definição clara das tarefas. E então o inimigo aproveitou-se disso. O inimigo instalou-se.

A Beira era centro de preparação de criminosos. Os agentes do Jardim humilhavam a população, brutalizavam a população, abusavam das mulheres. Esta era a tarefa especial dos GES.

AINDA NÃO OS DESALOJAMOS MAS SEREMOS IMPLACAVEIS

Quando proclamámos a independência, há a debandada de colonos. Então estes antigos agentes do inimigo infiltram-se nas estruturas do Governo, das empresas, das fábricas, infiltram-se em toda a parte, tomam as rédeas. E até hoje ainda não os desalojámos. Estão identificados, vivem no nosso seio.

Com a saída em debandada dos colonos, os agentes do inimigo ocuparam grandes responsabilidades nas estruturas da FRELIMO, nos Grupos Dinamizadores. Alguns daqueles que ontem foram assassinos do povo chegaram a ser nossos administradores. Como podiam ser bons administradores da FRELIMO?

Por isso, nas cooperativas, nas Lojas do Povo, há roubos de dinheiro. E quando nós perguntamos **onde estão os 400 contos que roubou?** Responde: **Eu já os gastei, critiquem-me lá.** Roubou dinheiro do Estado, roubou dinheiro do povo com que podíamos construir estradas, escolas, maternidades e hospitais e ele quer que nós o critiquemos. Contudo, nunca tinha roubado o dinheiro do colono.

Ao proclamarmos a Independência demos responsabilidades, mas não demos a responsabilidade



Manifestação numa escola da Beira. O Presidente Samora Machel fez detalhada referência à situação nas escolas daquela cidade do centro do País

de roubar. Se um administrador, ou um secretário do Grupo Dinamizador, ou um director de fábrica, ou os membros de uma Comissão Administrativa roubam, então não são representantes do nosso Poder. O crime feito pelo inspector da policia nunca é descoberto porque é ele que nomeia aqueles que vão investigar. Ele manda arquivar o processo e assim continuam os crimes, os abusos, as violações, as agressões ideológicas, físicas e morais.

Todos conhecemos aquela história dos animais que se reuniram para escolher o seu chefe. Escolheram o leopardo que passou a ter uma cadeira grande e passou a andar vestido. A noite, com a sua corte, o próprio chefe saía para caçar os outros animais. Os parentes vinham apresentar queixa ao chefe e este respondia sempre: **Vigia as características do animal que comeu o teu filho.** O queixoso respondia: **A única característica que temos visto é que esse animal tem cauda.** Mas o chefe tinha a cauda dentro das calças e estava sempre sentado. Por isso não era possível identificá-lo.

Assistimos a isto na Beira. Quando ocuparam lugares de responsabilidade, os antigos PIDEs, ANPs, Comandos, GEs, implantaram a injustiça na Beira e isto criou confusão no seio da população.

Eles utilizaram o nosso poder para violentar o povo. Porque eles estão habituados à corrupção, não podem viver a nossa vida, não podem ter o nosso comportamento. E a isto que nós estamos a assistir no nosso País, com maior incidência na Beira

A nossa escola é a estufa da nova mentalidade, mas é lá onde estão também os parasitas. É lá onde estão os formadores e ao mesmo tempo os deformadores da nova mentalidade. Desviando os objectivos essenciais da educação, os próprios professores fomentam a corrupção, alimentam a indisciplina dos alunos em relação aos pais. A aluna que conhece o professor e aceita ir com ele ao baile, tem boas notas sem estudar. No entanto, a

que estuda mas não aceita tocar toda a música, tem más notas. Vivemos isto na Beira em 1976. Tivemos então de tomar uma série de medidas contra esses professores corruptos. Antigos desertores da FRELIMO, traidores da causa do Povo, tinham-se instalado em escolas secundárias desta cidade.

Com eles estavam os agentes potenciais do inimigo, insultando a República Popular de Moçambique, denegrindo a política do Estado, caluniando os seus dirigentes, classificando de incapaz o Povo moçambicano.

Nós somos implacáveis para com eles. Derrubámos o colonialismo. Se os patrões deles não conseguiram vencer, quanto mais estes agentes fabricados à última hora. Ficou-lhes só a mania da imitação. Pensam que são civilizados, conhecedores da sociedade, mas apenas se limitam a imitar os gestos do colono.

Sabemos a história do macaco que viu o seu dono a fazer a barba com uma navalha. O macaco achou que era bonito. Então preparou uma navalha comprida, arranjou um espelho e sabem o que fez? Cortou o pescoço e morreu, pois pensava que era assim que se faz a barba. Estes desgraçados são como esse macaco.

É esta a situação na Beira.

CRIMINOSOS TREINADOS NA RODÉSIA

Em 1976 aplicámos as sanções contra a Rodésia e então desencadeou-se uma onda de violência, de criminalidade, de desrespeito, de panico e intranquilidade geral na cidade da Beira.

Os antigos criminosos encontraram terreno na Rodésia e passaram para lá. Encontraram a zona de que estavam à procura durante o Governo de Transição. Quisemos reeducá-los enviando-os para o Niassa porque somos generosos e respeitamos a vida das pessoas. Embora fossem criminosos, não os matámos. Prendêmo-los e enviámo-los para os

campos de reeducação. De lá fugiram para a terra do titio deles, o Ian Smith.

Titio porquê? Porque é primo dos colonos que estavam aqui. Foram-se embora os colonos mas o titio ficou. Então fugiram dos campos de reeducação e foram para a Rodésia. Muitos são de Sofala, Manica e Tete, onde a guerra colonial foi mais acesa e onde a repressão criou mais criminosos. Não podemos esquecer os massacres de Inhamitanga, de Wiriamu, de João e de Mucumbura. Quem foram os autores? Somente a tropa portuguesa? Não, foram também os Comandos e esses GEs moçambicanos.

Estou a falar de moçambicanos, brancos e pretos, que estavam no exército colonial e que durante o Governo de Transição foram encontrados com cavciras como cinzeiros. Foram encontrados com frascos de álcool contendo orelhas humanas lá dentro. São dementes, vivem matando. Alguns estão nas administrações, nas empresas, nas escolas, como agitadores. São eles que colocam constantemente a população em estado de alerta dizendo: **Qualquer coisa vai acontecer... Beira vai ser bombardeada... à noite passaram aviões... à noite ouviram-se tiros.** São os antigos PIDEs, políciais, sipaios, régulos, GEs, Comandos e Flechas que lançam o pânico entre a população.

Também estão envolvidas as senhoras comadres do Movimento Nacional Feminino que só participavam para aprender a fazer bordados e bolos e só cozinhavam quando havia festas da ANP. E por isso que dizemos que só conheciam o gosto da comida quando experimentavam o sal. É esta gente que está aqui na Beira, gente alienada, pequenos assimilados que até hoje olham a população como população indígena: de cima para baixo.

Então foram para a Rodésia para poderem continuar este tipo de vida. Foram treinados e receberam armas: granadas, morteiros, minas e balas para virem caçar em Moçambique. É assim que na Beira

assistimos a tiroteios, lançamento de granadas em lugares públicos, ataques contra alvos económicos, tanques de combustível, estradas, provocando perda de vidas humanas e prejuízos materiais.

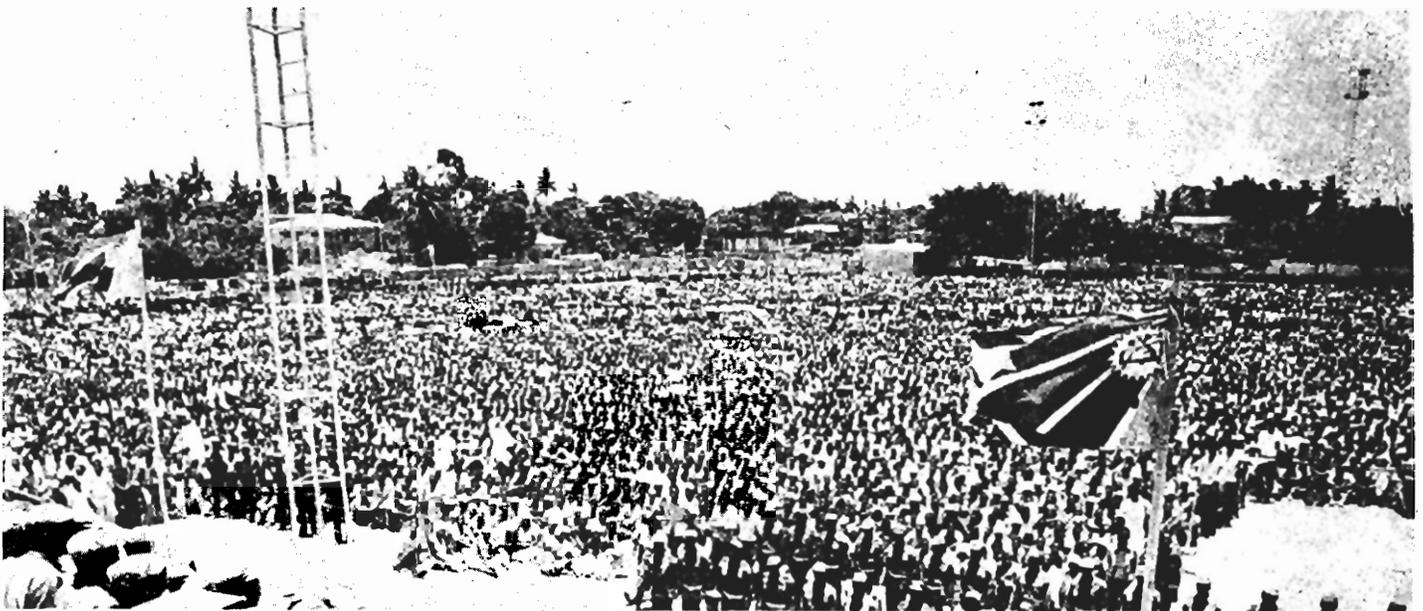
QUEM COMETE ESTES CRIMES?

Quem são os que cometem estes crimes? Eles vivem e conversam com a população. Utilizam o tribalismo como sua base social. Utilizam o regionalismo, a familiaridade, o localismo e muitas vezes utilizam o racismo atacando os da cor branca para criar estado de pânico. Nós somos contra o racismo mas essa luta contra o racismo tem de ser uma prática quotidiana, tem de ser vivida por cada um. Não basta dizer-se que se é contra o racismo. Se nós fôssemos racistas não teríamos razão de condenar os sul-africanos.

Os tribalistas, os racistas, servem o imperialismo internacional: o imperialismo não tem cor. A sua cor é a exploração, é a opressão, a sua cor são os assassinatos e os massacres das populações.

Nem sequer servem os seus próprios interesses. São simples instrumentos, homens de mão do imperialismo. Foram eles que conduziram os rodesianos para virem bombardear Dondo, Nhangau e os quartéis das FPLM. E entre eles encontramos a indisciplina generalizada e a preguiça. São essas as características do inimigo e não do Povo moçambicano. Vêm para a República Popular de Moçambique, pátria nascida do sangue e do sacrifício do povo, pátria solidária com todos os povos oprimidos, e querem construir a sua base de intranquilidade na Beira, cidade libertada por nós com o nosso sangue e suor, cidade libertada com o nosso sacrifício e determinação, com a nossa coragem e heroísmo. Seremos implacáveis para com eles.

Os actos de terrorismo na cidade da Beira são apoiados por actos de sabotagem económica e desorganização deliberada dentro do processo



...«A Beira deve ser ponto de partida da nossa ofensiva organizacional idcológica económica e cultural»

industrial. A sabotagem na pedreira de Inhaminga, por exemplo, tem muitos reflexos negativos na produção de cimento e lusalite, tanto para o consumo interno como para a exportação. São esses bandidos que estão a destruir a nossa economia para sermos pobres.

Estes actos de sabotagem reflectem-se não só na cidade da Beira como também na província de Sofala e noutras províncias do centro e do norte do País. O cimento, a pedra, a lusalite, que saem daqui vão para outras províncias e eles destroem.

Destroem também os circuitos de comercialização, destroem as nossas viaturas. Vêm da Rodésia para aqui, destroem os camiões, matam os condutores, os motoristas e por isso os produtos da população não saem, não são escoados.

Atacam as cooperativas e Lojas do Povo, destroem as vias de comunicação como fizeram na estrada da Gorongosa para Amaringue. Por isso não escoamos os produtos da população, particularmente o milho, o algodão e o girassol.

Também há acumulação ilegal e açambarcamento de produtos de primeira necessidade como vimos hoje no jornal «Notícias da Beira»: 15 toneladas de feijão apodreceram nos armazéns das Lojas do Povo. E fazem isto quando as bichas estão grandes.

A NOSSA LUTA MATOU A TRIBO

Estamos infiltrados. E há muitos que assistem e não actuam porque esses bandidos fazem apelo à tribo. Mas a nossa luta matou a tribo. Foi a primeira coisa que matámos porque a força do inimigo é o tribalismo. Por isso não temos dúvidas em disparar contra os tribalistas, os racistas e os regionalistas. Nós matámos a tribo para que nascesse a nação. Esta não é uma nação de tribos, não é uma nação de raças. Portanto, quando o piolho chega a tomar a roupa inteira é preciso ferver água e meter toda a roupa lá dentro.

Já falámos da corrupção nas escolas secundárias. Nelas também há distribuição e consumo de drogas. Há os professores da droga que ensinam aos vossos filhos como se fuma. É normal isto? É normal, sim, num estado colonial, num estado capitalista. As características são essas. Mas nós não somos capitalistas. Nós queremos o socialismo. O socialismo significa saúde e educação, comida boa e em abundância para todos, roupa com qualidade, cobertores, lençóis, sapatos, transportes rodoviários, ferroviários, aéreos e marítimos. E também a bicicleta. Em países como a Holanda, a China e Vietname a bicicleta é o maior meio de transporte. Mas nós queremos o avião antes de termos a bicicleta. Há quem tenha mais possibilidades e há quem tenha menos possibilidades.

Boas estradas, boa água para todos, alojamento para o povo inteiro, para os doze milhões, cada um com a sua casa, e também desporto para todos: É este o socialismo que nós queremos.

Socialismo significa sociedade organizada: Combater a doença; respeitar a família, educar os filhos, ter responsabilidade. Temos que ter escolas para todos, ter hospitais para todos. E a isso que chamamos socialismo.



«É necessária uma direcção forte, é necessário fazer participar o Povo pois foi a participação popular que nos levou a ganhar a guerra»

Agora, os bandidos o que é que querem? Destroem as poucas e pequenas infra-estruturas que nós temos no País. Está claro o objectivo deles. Promovem a indisciplina e a falta de respeito nas escolas. Tratam o professor por tu e por «camarada professor». Não queremos isso. Não há «camarada professor». Não há «camarada chefe». O tratamento correcto é «senhor»: «senhor João», «senhor António», «senhora Amélia», «senhora Deolinda». Antigamente havia senhoras e mulheres. Senhoras eram as brancas, mulheres eram as pretas. É por isso que eu digo «dona Margarida», «dona Deolinda», «dona Gertrudes». Esse é o respeito que nós queremos. Por vezes estamos a falar de bandidos, de criminosos e muitos dizem: **este camarada roubou ... na minha casa quando entrou o camarada ladrão ... Um camarada rouba? Outros dizem: na minha casa chegou aquela mulher de má vida, aquela camarada de má vida ... A prostituta é camarada? Chama-se camarada a qualquer um. Não queremos nada disso. Devemos dizer senhora e senhor: senhor enfermeiro, senhora enfermeira, senhor doutor, senhora parteira, senhor professor, senhor administrador, senhor governador, senhor director. Todos têm categoria.**

Na Beira há distribuição de panfletos do inimigo; inscrição de palavras de ordem do inimigo nas paredes, palavras obscenas, imorais. E isso acontece também nas escolas. Nós não vamos continuar a assistir passivamente a isto.

Isto acontece na Beira porque os valores do tempo colonial ainda não foram eliminados. E quais são esses valores? Repetimos: o racismo, o tribalismo, a corrupção, o regionalismo, o banditismo. A Beira já era cidade de bandidos e nós não fizemos uma ofensiva contra eles para os desalojar. Há mar-

ginalidade, consumo de droga, boatos e calúnias para denegrir a República Popular de Moçambique.

É NECESSÁRIA UMA DIRECÇÃO FORTE E PARTICIPAÇÃO POPULAR

Por isso quero dizer que as nossas estruturas no Partido e no Governo têm de ser reforçadas. Mas a nossa força é o Povo. Se o povo não participa, se apenas assiste, as nossas estruturas são incapazes de enquadrar e definir as tarefas para o povo e explicar como actuar contra os bandidos.

É necessária uma direcção forte, é necessário fazer participar o Povo pois foi a participação popular que nos levou a ganhar a guerra. Se este Povo participar na perseguição, busca e captura dos bandidos, em menos de seis meses a Beira será a cidade mais pacífica do nosso País.

Temos estruturas que não operam, que não trabalham. Temos a OMM que é uma força porque a mulher moçambicana é corajosa e tem espírito de heroísmo. A mulher moçambicana não teme sacrifícios, não teme dificuldades. Manifestou isto ao longo da resistência contra o colonialismo, na Luta Armada de Libertação Nacional e hoje no apoio ao Zimbábue. A mulher moçambicana quer tarefas claras. Se dissermos às nossas mulheres «liquidem os bandidos», elas liquidá-los-ão. A mulher moçambicana é forte e portanto a OMM deve ter como tarefa restabelecer a ordem, a tranquilidade e o sossego na cidade da Beira. Queremos que a Beira seja exemplo

para outras cidades. Não há lugar para perturbações e distúrbios na República Popular de Moçambique.

Também a Organização da Juventude Moçambicana tem de ser operante. Temos alguns Grupos de Vigilância que não vigiam nada. talvez estejam comprometidos também e então os infiltrados aproveitam-se do facto de pertencerem aos Grupos de Vigilância para fazerem aquilo que fazia o chefe dos animais na história que vos contei. Temos as Milícias, temos os Conselhos de Produção ao nível dos trabalhadores. Têm de ser mais eficazes para que não haja indisciplina, para que não haja preguiça e cumpramos as metas.

Todos os nossos instrumentos, o Governador, os administradores, os tribunais, a polícia, o Serviço de Segurança, devem ir até ao Povo. O Povo está a albergar inconscientemente bandidos. E albergar significa acolher, dar-lhes de comer. Nós queremos que liquidem a intriga, o boato, a indisciplina, a corrupção para levarmos avante a nossa Revolução. Para criarmos um futuro feliz temos que liquidar a fome.

Hoje é a primeira vez neste ano de 1980 que nos dirigimos ao Povo. Começou uma nova década, a década de 80. O que queremos fazer ao longo destes dez anos? Vamos continuar assim? Para semear e ter boa colheita é preciso primeiro desbravar o mato. É preciso revolver a terra, é preciso sachar, regar e então teremos uma boa colheita.

Para a nossa casa ter um bom ar, habitável, cheio de vida, é preciso lavarmos a casa todos os dias, tirarmos a poeira que vai afectar os nossos





«...Estavam ao lado do exército colonial como capelães (...) abandonavam as zonas afectadas pela guerra e entregavam as capelas para serem casernas do exército colonial onde massacravam o Povo»

pulmões, vai afectar a nossa vida, porque não preparámos as condições boas para a nossa saúde.

Quando decidimos falar na Beira fizémo-lo porque esta é uma cidade com características especiais, onde existem o tribalismo, o racismo, o regionalismo e uma população cheia de complexos. Foi por esta razão que não partimos ontem quando acabámos a reunião com os países da Linha da Frente e decidimos ficar aqui para vos falar. O nosso combate tem de partir daqui, do centro do País, ponto de partida para desalojarmos os bandidos.

A MENTALIDADE ESCRAVA AO ESTRANGEIRO

Há outro assunto de que vos quero falar. É dos religiosos católicos. O seu centro é a Beira. É a partir da Beira que difundem insultos contra a República Popular de Moçambique, é a partir da Beira que difundem o seu antipatriotismo; é a partir da Beira que difundem a sua fidelidade à educação portuguesa; é a partir da Beira que difundem documentos mostrando o saudosismo do tempo colonial.

É a partir da Beira que difundem documentos que mostram a mentalidade escrava ao estrangeiro, que difundem a falta de personalidade, a falta de orgulho patriótico. É a partir da Beira que difundem documentos que mostram claramente o espírito de servilismo. Os bispos não vão fazer mais da Beira o seu centro. Quando se reunirem na Beira terão que discutir os problemas da Igreja. Não podem discutir nada que diga respeito à Constituição da República Popular de Moçambique.

Não foram eles que conquistaram a independência. Mantiveram-se do lado do colonialismo até ao fim. Pretos de nacionalidade moçambicana mas de mentalidade pequenos portugueses. Nenhum deles veio ajudar-nos a libertar o Povo. Nós é que lhes ensinámos o que é o Povo. Eles têm de ser alunos do nosso Povo. Carregados de complexos de inferioridade, inculcados durante o seminário, agora querem encontrar, através da nossa República, tubos de escape. Repetimos que não lhes pedimos nada a não ser que sejam primeiro moçambicanos, que não sejam estrangeiros. Primeiro, antes de serem padres, antes de serem bispos, antes de serem arcebispos, devem ser moçambicanos, devem defender a nação moçambicana e não se juntarem aos seus inimigos. É através de vocês, crentes, que também estão aqui, que eles andam a agitar. Foram eles que vos libertaram? Estavam do lado do exército colonial como capelães. Chegaram a receber galões, condecorações, aceitaram a farda que simboliza o crime. Abandonaram as zonas afectadas pela guerra e entregaram as capelas para serem casernas do exército colonial onde massacravam o Povo.

PONTO DE PARTIDA DA NOSSA OFENSIVA

Estamos de acordo que a Beira deve ser ponto de partida da nossa ofensiva organizacional, ideológica, económica, cultural. Deve ser também ponto de partida da ofensiva social, de justiça, de respeito pela legalidade revolucionária e de combate para desalojarmos as mentalidades escravas ao estran-

geiro; ponto de partida da ofensiva contra o banditismo, a corrupção e a contra-revolução, contra a reacção.

E esta batalha vai produzir heróis e vai produzir traidores, vai produzir capitulacionistas e oportunistas. Mas nós seremos sempre os vencedores em qualquer batalha, quer no campo político, ideológico, económico, social, cultural ou militar. Quando nós partimos para o combate levamos no nosso olhar a certeza da vitória. Quando nós partimos para o combate levamos a convicção de que já vencemos. Fizemos isto com o colonialismo português e com a Rodésia.

Por isso todas as estruturas democráticas de massas devem cooperar com as estruturas do Governo. Somos um todo, somos a força e a nossa força é o Povo. Venceremos.

Aqui na Beira os bandidos são apenas um pequeno punhado. São poucos. Talvez nem cheguem a cem. O Povo da província de Sofala não é indisciplinado. Indisciplinado é o punhado que vamos eliminar pois são a erva daninha. Assim diremos com orgulho «somos da província de Sofala, somos da cidade da Beira»; cidade bonita e limpa. Nós é que a devemos cuidar.

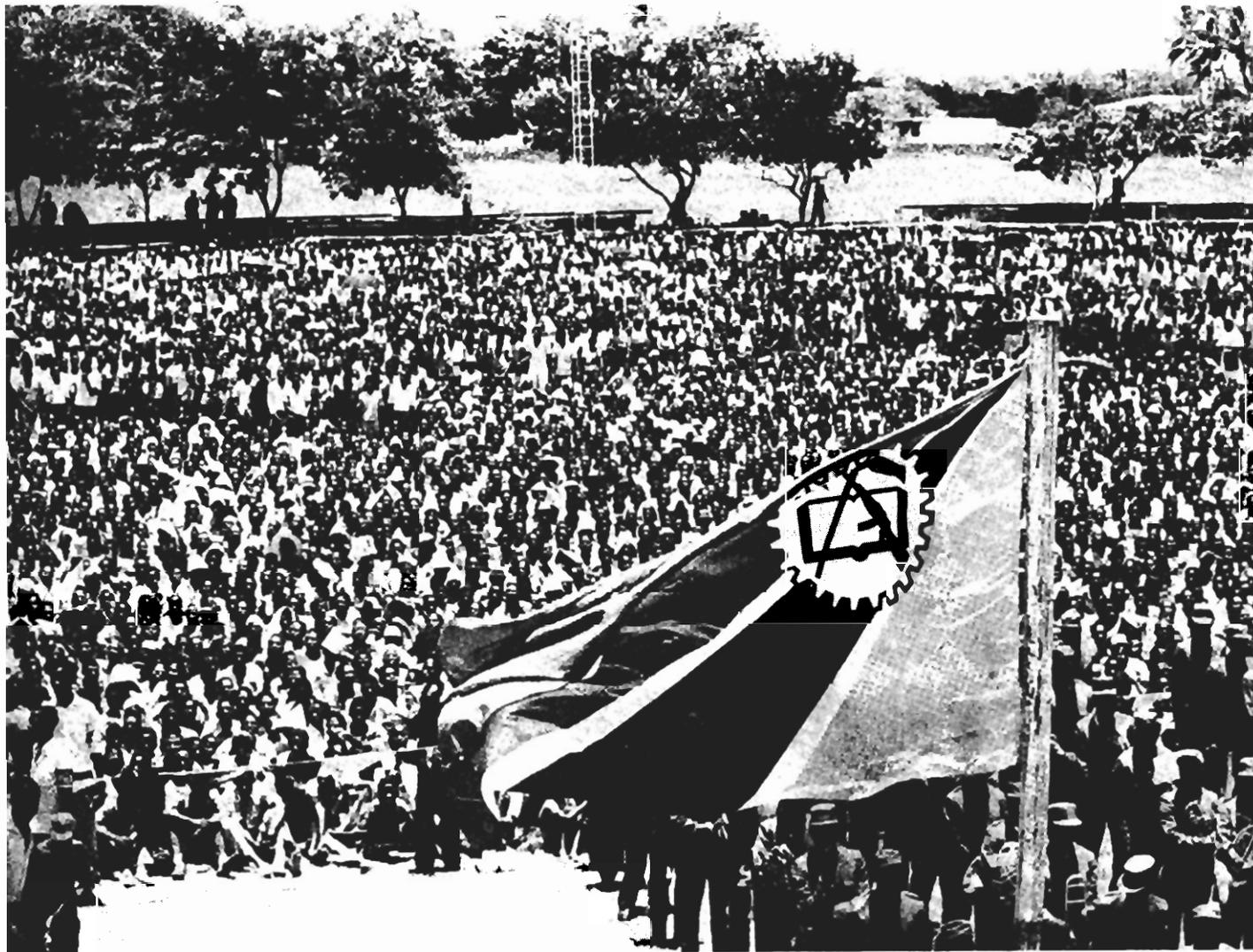
SAUDAMOS A POPULAÇÃO QUE ACEITOU SACRIFÍCIOS

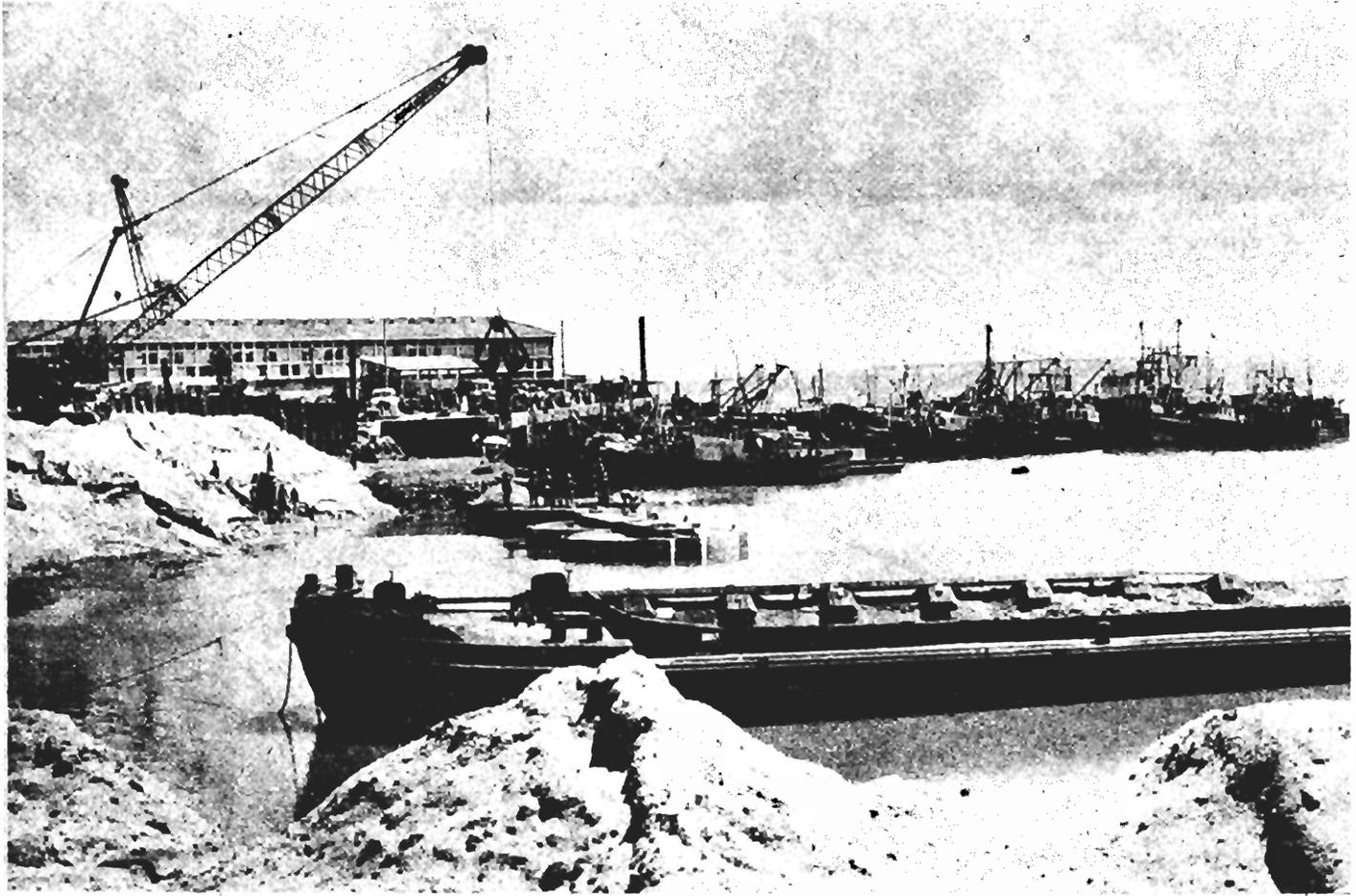
Queremos finalmente saudar a população da província de Sofala que participou activamente na Luta Armada de Libertação Nacional, que suportou sacrifícios impostos pela guerra e que hoje, de novo, aceitou sacrifícios para participar na Luta de Libertação do Zimbabwe.

Saudamos o apelo dado pela população de Sofala, e em particular da Beira, à luta do Povo do Zimbabwe através de diversas manifestações, contribuindo até com dinheiro apesar do desemprego.

Saudamos o apoio activo prestado à aplicação das sanções contra a Rodésia, sanções que criaram desemprego, particularmente nos portos e caminhos de ferro da cidade da Beira. Inúmeras famílias ficaram sem ganhar o pão, muitas famílias ficaram sem as suas casas e bens que foram destruídos pelas agressões rodesianas e pelos bombardeamentos, pelos soldados criminosos do regime ilegal e racista do tabaqueiro Ian Smith.

Saudamos os operários dos sectores que souberam suportar com coragem o peso económico principal das sanções.





«A partir de agora, todas as estruturas do Governo, as organizações democráticas de massas... terão de fazer do Porto da Beira, o porto mais belo do nosso País» (Na foto: Um aspecto do porto pesqueiro da Beira)

Saudamos em especial aqui, os operários dos Portos e Caminhos de Ferro onde cerca de cinco mil trabalhadores e cerca de trinta mil familiares foram afectados pela aplicação das sanções.

Saudamos os que souberam isolar e neutralizar os agitadores e reaccionários, os preguiçosos e vadios e todos os que a soldo do imperialismo procuravam desmobilizar os trabalhadores dos Portos e Caminhos de Ferro dizendo «não vamos ganhar a guerra no Zimbabwe, querem-nos matar à fome». Agora digo: ganhámos a guerra no Zimbabwe. Criámos condições para que possamos viver melhor do que vivíamos.

Saudamos os trabalhadores que souberam continuar o trabalho nas zonas em que o inimigo atacava e assim assegurar a vida económica e social. Em muitos sectores foram destruídos meios de produção.

Saudamos os trabalhadores que souberam compreender a importância de continuar a reconstrução nacional e se engajaram na produção apesar de todas as dificuldades resultantes das agressões.

Em muitos sectores, os abastecimentos, os transportes, estão fortemente abalados. Por isso, a partir de agora, todas as estruturas do Governo, as organizações democráticas de massas que nós já enumerámos, terão de fazer do Porto da Beira, o Porto mais belo do nosso País. Isto significa que nos vamos

organizar para irmos aos Portos e Caminhos de Ferro dar-lhes uma nova face. Agora há a face do abandono. Nós vamos dar-lhes a face do futuro, do amanhã. Por isso estamos a dar tarefas às estruturas do Governo para que enquadrem e organizem a população da Beira a fim de ajudar os Caminhos de Ferro

a colocar cada peça no seu lugar.

Saudamos, finalmente, os que souberam compreender as verdadeiras dificuldades, souberam denunciar erros, souberam participar na busca de soluções correctas para cada problema, para cada dificuldade.

É isto que eu queria dizer à população da Beira. Libertarmo-nos dos complexos e dos elementos que nos dividem e identificarmo-nos como moçambicanos para podermos vencer o nosso inimigo. Organi-

zemo-nos para a vitória. A vitória é o bem-estar; é criarmos postos de emprego para que em 1990 haja falta de mão-de-obra na República Popular de Moçambique.

Por isso obrigado, província de Sofala. Obrigado população da cidade da Beira.